

VIOLÊNCIA URBANA NA RELIGIÃO, NO FUTEBOL E NA CULTURA

Urban violence in religion, football and culture

José Brissos-Lino^()*

Resumo

Porque sentirão os crentes a obrigação de “defender a honra” do seu deus perante os que têm fé diferente, de forma violenta? Será esse deus assim tão fraco e impotente que não consegue sequer defender-se a si mesmo, ou os fiéis interiorizaram o conceito duma divindade mesquinha e vulnerável? A ideia de associar o desporto a uma atividade lúdica, como no mundo antigo (“*mens sana in corpore sano*” diria Juvenal), de modo a desenvolver a saúde física e mental mas também as boas relações entre indivíduos e as virtudes sociais parece estar há muito lançada por terra, pelo menos no futebol profissional.

A malfadada filosofia do politicamente correto já vai no ponto de apedrejar a cultura e diabolizar a memória. A liberdade do saber e do saber com prazer está cada vez mais ameaçada. Assim, a espiritualidade urbana manifesta-se por vezes através de expedientes violentos no campo religioso, desportivo e cultural.

Palavras-chave: Blasfémia. Cultura. Divindade. Futebol. Violência.

Abstract

Why will believers feel the obligation to “defend the honor” of their god before those of different faith, in a violent way? Is this god so weak and powerless that he cannot even defend himself, or have the faithful internalized the concept of a mean and vulnerable deity? The idea of associating sport with a recreational activity, as in the ancient world (“*mens sana in corpore sano*” would say Juvenal), in order to develop physical and mental health but also good relationships between individuals and social virtues seems to be there. thrown to the ground, at least in professional football. The ill-fated philosophy of political correctness goes so far as to stone the culture and demonize the memory. The freedom of knowing and knowing with pleasure is increasingly threatened. Thus, urban spirituality sometimes manifests itself through violent expedients in the religious, sports and cultural fields.

Keywords: Blasphemy. Culture. Divinity. Soccer. Violence.

O fenómeno religioso é complexo e presta-se a flutuações emocionais que muitas vezes extravasam para fora do campo espiritual, partindo do espaço da crença para ações de afirmação pública na sociedade e por vezes através de instrumentos e ações de violência.

Sabemos que o sectarismo leva um crente a deslegitimar crenças alheias e a partir do princípio de que todos os outros, sendo infiéis, laboram no erro sendo por isso prejudiciais à humanidade.

^(*)Doutor em Ciências da Religião pela FTCHAL, São Paulo, SP. Professor e investigador associado na Universidade Lusófona (FCSEA, Área de Ciências da Religião) onde coordena o Instituto de Cristianismo Contemporâneo (ICC). Lisboa/ Portugal. Área de atuação: cristianismo.

O mundo choca-se de vez em quando com o extremismo religioso. Há algum tempo foi com uma criança de oito anos em risco de ser condenada à pena de morte por blasfêmia no Paquistão, um caso denunciado pela imprensa mundial. Os juristas afirmam que nunca tal tinha sucedido com alguém tão novo. Um clérigo paquistanês acusou o menino de urinar intencionalmente no tapete da biblioteca de uma madraça (escola religiosa muçulmana), onde estavam guardados livros religiosos. A família diz que a criança nem tem noção do que é uma blasfêmia, continuando ainda “sem perceber qual foi o crime e por que foi mantido na prisão durante uma semana.”

A sua libertação sob fiança foi pretexto suficiente para uma multidão de fanáticos muçulmanos incendiar um templo hindu e destruir o seu recheio, como forma de protesto, obrigando vários membros daquela minoria religiosa no Punjab a fugir, deixando para trás as suas casas, oficinas e trabalho. Toda a comunidade hindu ficou assustada e a recear reações violentas. Segundo um familiar da criança: “Não queremos voltar àquela zona. Não achamos que alguma ação concreta e significativa vá ser tomada contra os culpados ou para proteger as minorias que vivem aqui”. O ataque foi organizado e planeado pois os vândalos fecharam uma estrada próxima e publicaram vídeos do ato nas redes sociais.

Segundo os ativistas dos direitos humanos as leis contra a blasfêmia são usadas abusivamente contra as minorias no Paquistão pela maioria muçulmana.

Kapil Dev, um ativista de direitos humanos, citado pelo The Guardian, exige que “as acusações contra o menino sejam retiradas imediatamente” e pede ao Governo que “dê segurança à família e a todos aqueles que foram forçados a fugir”.

Mas porque sentirão os crentes a obrigação de “defender a honra” do seu Deus perante os que têm fé diferente, de forma violenta? Será esse deus assim tão fraco e impotente que não consegue sequer defender-se a si mesmo, ou os fiéis interiorizaram o conceito duma divindade mesquinha e vulnerável? Os extremismos religiosos são uma autêntica praga, dando sempre a imagem de um deus fraco, que não consegue defender-se de quem o ataca e que precisa que os homens façam isso por ele, atacando muitas vezes fiéis da mesma religião sob pretextos pusilânimes.

Mas isto não acontece só com o Islão pois também o cristianismo tem idêntico histórico. Nem sucede apenas no Médio Oriente ou em países sem tradição democrática,

uma vez que também a Ocidente se observa ainda hoje violência verbal e física por parte de grupos cristãos contra minorias religiosas ou ideologias políticas. Veja-se o caso do assalto ao Capitólio cujo folclore incluiu bandeiras de grupos cristãos ou os ataques de cristãos a terreiros de candomblé e a agressividade de sectores religiosos no Brasil bolsonarista contra adversários políticos.

O primeiro-ministro do Paquistão condenou formalmente o ataque, ordenou à polícia que agisse contra os agressores e prometeu que o governo restaurará o templo, mas não se conhecem detenções. A verdade é que os ataques a templos hindus no país aumentaram nos últimos anos, revelando um crescendo de fanatismo e extremismo religioso, e os relatórios internacionais apontam o Paquistão como um dos países onde a liberdade religiosa está mais condicionada pela violência das multidões e ameaças de violência relacionados com supostos atos de blasfêmia.

A grande questão de pretender defender a “honra” do seu deus com recurso à violência não passa, afinal, da convicção de que o seu deus reage à provocação e ofensa de forma humana, mas também a presunção de que as crenças pessoais são indiscutíveis e intocáveis por terceiros, sendo aí que nasce todo o fanatismo e extremismo religioso em nome de qualquer divindade.

A projeção do divino atribuindo-lhe humores tipicamente humanos fala da dificuldade em conceber um Ser transcendente, de natureza espiritual e que paira acima do mundo dos homens, parecendo tantas vezes demasiado parecido com eles, com as suas misérias, fracassos e frustrações.

1 FUTEBOL EM TEMPOS DE CÓLERA

Um interessante estudo português realizado pelo Laboratório de Expressão Facial da Emoção (FEELab), denominado “A neuropsicofisiologia da expressão facial da emoção: estudo de caso com jogadores no campeonato da Europa de futebol de 2020”, além de pioneiro a nível mundial, permitiu detetar as emoções dos atletas durante o torneio, incluindo jogadores de diversos países e diferentes grupos étnicos em plena competição. Na prática verificou-se *“a frequência e a intensidade da expressão facial em jogadores provenientes de países e grupos étnicos diferenciados em contexto de competição.”*

Os investigadores analisaram os vídeos de todos os 51 jogos a fim de registarem as expressões faciais dos atletas, concluindo que a manifestação de cólera foi a mais frequente (70%), seguida da alegria e da tristeza, mas também “dor, surpresa, desprezo, aversão e medo”, tendo sido utilizada tecnologia de reconhecimento automático em tempo real. No fundo estamos a falar de emoções básicas comuns aos humanos, mas desta vez observadas em contexto desportivo de alta competição.

O laboratório portuense fundado em 2003 e ligado à Faculdade de Ciências da Saúde da Universidade Fernando Pessoa, é o único do género no país e tem recebido repetidas distinções internacionais devido ao pioneirismo e inovação do trabalho científico desenvolvido.

Toda a gente sabe que o futebol é um desporto de massas, por isso junta turbas de adeptos, mas sobretudo de emoções, como os políticos bem sabem e tentam explorar a seu favor até quase à exaustão, em todos os regimes. Quem se lembra da extraordinária ovação que o então presidente do conselho, Marcello Caetano, recebeu num estádio de Lisboa pouco tempo antes do 25 de Abril de 1974? Logo depois o povo explodia de alegria nas ruas com a queda do regime e uma semana depois no 1.º de Maio mais memorável da nossa história.

Mas a forte carga emocional vive-se também dentro das quatro linhas e não apenas nas bancadas. Os atletas são hoje um produto comercializável, um investimento, uma mais-valia financeira para os clubes e os agentes desportivos, por isso qualquer lesão ou desempenho menos conseguido mexem com as emoções da massa adepta e sobretudo com a gestão das contas dos emblemas que representam.

Além de os jogadores se apresentarem no campo com equipamentos que são autênticos painéis publicitários ambulantes, ainda têm que saber gerir a sua curta carreira desportiva, normalmente com o apoio de um agente, funcionando como carne traficada ao sabor dos interesses económicos que se levantam e alimentam a indústria do futebol.

Esta noção de que eles não são realmente senhores de si mesmos, aliada à tremenda pressão para obter vitórias e títulos, por um lado, que justifiquem o investimento neles feito e a preocupação de evitar lesões graves por outro, dispara-os para picos emocionais em especial durante a competição. É por isso que se registam

todos os dias conflitos com os árbitros em pleno jogo, por vezes com recurso a agressões verbais e até físicas.

Mas a sede (e a necessidade) de dominar e vencer ajuda a explicar o comportamento: *O congruente estado instintivo que suporta a reação emocional é notório e confirma que, num quadro de competição, a exibição emocional é também uma demonstração de conduta humana, elevada, por vezes, ao extremo da agressividade, pretendendo-se, em primeiro lugar, que os adversários vislumbrem quem tem o poder.*

Desmond Morris defendia nos anos setenta, em “O Macaco Nu”, que o futebol seria uma atualização das antigas guerras tribais, sendo as claque e os adeptos uma espécie de guerreiros que se confrontavam durante os jogos das suas equipas, utilizando toda uma parafernália distintiva da sua “tribo” (barretes, cascóis, camisolas, bandeiras) mas também sons (gritos, cânticos de guerra, tambores) de modo a incentivar a sua elite guerreira (equipa), diminuindo e desencorajando a adversária. Hoje usam até artigos proibidos como petardos e granadas de fumo.

Em 1985 Gabriel García Márquez publicava um romance do tipo realismo fantástico passado no século XIX na sua América Latina. Em tempos conturbados imaginava uma estória de amor que perdurou no tempo. Chamava-se *O amor em tempos de cólera*. Num mundo ideal talvez este fosse um bom momento para o futebol profissional trocar a cólera pelo amor ao desporto. À maneira de Juvenal.

2 LIVRAI-NOS DO ASTERIX, SENHOR!

Algumas escolas católicas do Canadá retiraram cerca de cinco mil títulos do seu acervo por considerarem que continham matéria ofensiva para com os povos indígenas. Só não levaram avante a ideia inicial de os queimar todos por receio de reações dos pais, professores e crianças. Mas, pasmem ó gentes, é que entre os livros selecionados para a fogueira pelos Torquemadas pós-modernos vamos encontrar biografias de exploradores, romances, enciclopédias, banda desenhada e livros de aventuras de Asterix, Tintin e Lucky Luke.

A cerimónia de “limpeza” aconteceu nas bibliotecas do *Providence Catholic School Board*, um agrupamento de trinta escolas primárias e secundárias de língua francesa no Ontário, que integram cerca de dez mil alunos. Segundo os seus promotores

pretendia-se reconciliar os canadenses com as primeiras nações ou tribos índias através da proibição destas obras para fins educativos.

Esta iluminada “ação pedagógica” realizada em 2019 passou ainda pela recolha das cinzas e sua aplicação como fertilizante na plantação duma árvore... A ideia, explicada em vídeo, seria a de enterrar “*as cinzas do racismo, da discriminação e dos estereótipos de modo a construir um país inclusivo, onde todos possam viver com prosperidade e segurança*”. Ficamos assim a saber que Asterix, Obelix, Tintin e *tutti quanti* são perigosos racistas infiltrados na cultura ocidental e opressores dos índios do Canadá...

Alguns destes livros “malditos” foram para o novo *Index* porque alguém não gostou a imagem da capa, como é o caso da biografia do explorador Étienne Brûlé, *Le Fils des Hurons*. O uso da palavra índio ou pele vermelha também foi motivo de retirada de muitos livros ou a representação de guerreiros em tronco nu. Um outro livro está a ser avaliado porque usa o termo ameríndio. O livro *A Conquista do Oeste: Nativos Americanos, Colonizadores e Colonos* foi retirado por causa da palavra “conquista” no título. O romance infantil *The Indian College Affair*, de Sylvie Brien, foi retirado sem qualquer justificação. Trata-se de uma estória passada em 1920 com personagens e lugares fictícios, em que uma adolescente defende um aborígine acusado injustamente de provocar um incêndio. Para cúmulo, uma destas obras foi finalista do Prémio Tamarac, da *Ontario Library Association* em 2011 e agora o autor foi banido.

Aliás, os autores dessas obras não foram informados e ficaram estupefactos. A fúria totalitária não poupou sequer os autores indígenas – talvez considerados menos ortodoxos – e não reconhece a um não nativo a legitimidade para investigar e escrever sobre os nativos, o que configura uma grave negação da atividade científica.

Esta purga literária parece querer esconder sob a capa das boas intenções a lista dos livros proibidos que vigorava nas escolas católicas até a década de 1960. Ou pior, talvez tente redimir-se do incómodo assunto dos internatos religiosos onde inúmeros jovens indígenas foram abusivamente arrancados às famílias e educados longe das suas tradições.

Segundo Ariane Régnier, bibliotecária escolar e presidente da Associação para a Promoção de Serviços de Documentário Escolar: “*é saudável ter todos os tipos de*

livros no ambiente [escolar], até livros que podem causar desconforto.” Esta gente não entende que a linguagem dum livro de aventuras é diferente de uma obra histórica? A pulsão censória é indiferente ao facto de que a banda desenhada existe para entreter e não para dar um curso teórico? Não entendem que uma caricatura em banda desenhada é diferente duma imagem publicada numa enciclopédia? Nem conseguem ouvir as dúvidas da antropóloga indígena Nicole O'Bomsawin. E se agora todos os grupos sociais começarem a exigir que se corte o que não gostam?

A moda hoje é retirar estátuas – a bem ou à força – destruir obras de arte e produtos culturais ou tirá-los do espaço público, em nome da proteção das minorias e da educação do povo. O nazismo ou os talibãs não fariam melhor. É bom nunca esquecermos que em matéria de fogueiras, primeiro são lançados para lá os livros, depois as pessoas.

Como reagiriam os dirigentes desses colégios católicos, e todos os cristãos, se um dia os gregos em geral e os nativos da ilha de Creta em particular quiserem queimar a Bíblia por se sentirem ofendidos pela forma como o apóstolo Paulo os descreveu na sua epístola a Tito: *Os cretenses são sempre mentirosos, bestas ruins, ventres preguiçosos* (1:12)?

Olhar a História com os olhos do homem do séc. XXI é uma asneira pegada mas recorrente.

No fundo, a violência urbana afirma-se em diversos quadrantes sociais, desde o futebol – que também tem os seus “deuses” – até à religião, passando pela cultura e por todos os sectores sociais.

REFERÊNCIAS

- PINTO, José Filipe. **Terrorismo religioso: A realidade no Feminino**. Lisboa: ed. Sílabo, 2018.
- SACKS, Jonathan. **Não em nome de Deus**. Porto Salvo: ed. Desassossego, 2021.
- SILVA, Fernando. **Diálogo Inter-religioso e Direitos Humanos**. Benoni: Hebron Press, 2020.

(Recebido em outubro de 2021; aceito em novembro de 2021)